

INCIDÊNCIAS DO NEOLIBERALISMO NO TRABALHO DOS ASSISTENTES SOCIAIS DO PARQUE INDUSTRIAL DA ZONA FRANCA DE MANAUS

Heloísa Helena Corrêa da Silva

Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

INCIDÊNCIAS DO NEOLIBERALISMO NO TRABALHO DOS ASSISTENTES SOCIAIS DO PARQUE INDUSTRIAL DA ZONA FRANCA DE MANAUS

Resumo: Este artigo apresenta as primeiras análises correspondentes aos dados iniciais da pesquisa que trata das novas dimensões do trabalho do assistente social, no período de 1995 a 2008. Esses dados apontam para as transformações ocorridas no Serviço Social, nas formulações curriculares, no dinamismo dos projetos da profissão e a identificação destes com projetos societários. Enfatiza a relação da profissão com o mercado e as transformações no mundo do trabalho e como essas transformações incidiram no trabalho profissional dos assistentes sociais no parque industrial de Manaus. As análises desenvolvidas neste artigo têm como referência o tema: “O Trabalho nas transformações contemporâneas na região amazônica e a particularidade do trabalho profissional do Assistente Social”.

Palavras-chave: Amazônia, Zona Franca, transformações contemporâneas, neoliberalismo, trabalho do assistente social.

THE NEOLIBERALISM INCIDENCES IN THE SOCIAL WORKER'S WORK WITHIN THE MANAUS'S INDUSTRIAL PARK

Abstract: The first corresponding analyses considering the new dimensions of the social worker's work between 1995 and 2008 are presented in this article. These data point out the changes occurred in the social worker's work market considering curricular formularizations, the dynamism of the projects of the profession and the identification of these with the social projects. This paper also points out the relation between the profession and the market as well as the relation between the work market world changes. It is also emphasized how these transformations occurred in the social worker's practice within the industrial park of Manaus. The discussion that rises this issue is “the Work in the transformations contemporaries in the Amazon region and the particularities of the professional work of the Social Worker.”

Keywords: Amazon, Industrial Park, transformations contemporaries, new liberalism, social worker's work.

Recebido em 13.04.2009. Aprovado em 16.06.2009.

1 INTRODUÇÃO

O debate sobre o trabalho dentro do contexto das transformações contemporâneas, delimitado pela mesa realizada na IV JOINP, denominada: “O Trabalho nas transformações contemporâneas na região amazônica e a particularidade do trabalho profissional do Assistente Social”, tem como marco o neoliberalismo a partir da segunda metade dos anos 90 do século XX.

Sob essa orientação, o artigo tratará das incidências causadas por essa conjuntura no trabalho do assistente social, em empresas localizadas no Parque Industrial da Zona Franca de Manaus – PIM, sem perder o foco do tema principal da IV Jornada Internacional de Políticas Públicas – JOINP que é o “Neoliberalismo e Lutas Sociais”.

Informa-se que os elementos que possibilitaram a construção deste artigo foram a relação profissional que mantive com a área do trabalho entre 1983 a 1986, em empresas dos ramos de produção eletroeletrônico/metalúrgico, entre os anos de 1987 a 1989, no ramo químico plástico, entre a metade do ano de 1989 até o início de 1991, no Serviço Social da Indústria – SESI do Amazonas, onde fui supervisora da área do Serviço Social, planejando conjuntamente as ações e avaliando a execução do trabalho profissional dos assistentes sociais, período em que os profissionais da área do Serviço Social do chamado sistema “S” ocupavam os principais cargos institucionais, e a partir de 1991, com o meu ingresso na Universidade Federal do Amazonas – UFAM.

Vale ressaltar o período de militância na Central Única dos Trabalhadores no período de 1987 a 1994, quando fui Presidente do Sindicato dos Assistentes Sociais do Estado do Amazonas – SASEAM e, posteriormente, membro da Diretoria do Conselho Regional dos Assistentes Sociais – CRESS; nos anos de 1997 a 2001, fui membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre o Trabalho, coordenado pela Professora Doutora Dilséa Bonetti na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP e entre os anos de 2003 a 2005, o período em que coordenei o Núcleo local da UNITRABALHO e a Incubadora da Economia Solidária da UFAM, entre os anos de 2003 a 2005. Portanto, a pesquisa em desenvolvimento tem bases históricas fincadas na minha organicidade com a questão do trabalho, em especial com o trabalho do assistente social.

Agrega-se aos fatores históricos da pesquisa em andamento sobre as novas dimensões do trabalho do assistente social em Manaus, a pretensão da proponente em analisar os diálogos mantidos com as assistentes sociais do Parque Industrial de Manaus - PIM, no espaço

de tempo delimitado entre a segunda metade dos anos 90 do século XX, até o ano em curso.

A delimitação cronológica corresponde ao critério posto pela Mesa desta IV JOINP, e este trabalho tem por objetivo analisar as transformações ocorridas no trabalho dentro do contexto amazônico, em especial do trabalho profissional do assistente social, a partir de observações da totalidade das relações sociais do exercício da profissão. Sem esquecer, entretanto, que a regulamentação da profissão de Assistente Social exige para o exercício profissional pleno, além do diploma de bacharel em curso presencial, o registro e o reconhecimento por parte de organizações da categoria, como o Conselho Regional/Federal de Assistentes Sociais, o que pressupõe o requisito de um saber formal e qualificado.

Registra-se que as observações efetuadas ao longo de duas décadas permitem afirmar que os assistentes sociais do PIM estão inseridos e também são responsáveis pelo processo de produtividade do trabalho nas empresas desde a instalação da zona em Manaus, que data de 1967. O que motiva a busca pela compreensão das fórmulas que permitem construir os dados acerca da produtividade do trabalho

No que se refere aos limites traçados para a relação com o objeto, a pesquisa buscou o máximo de informações sobre o mesmo, utilizando-se, além das observações diretas nos anos de 1980 e os dois primeiros anos de 90 do século passado, também uma literatura específica, cujos dados foram aqui incorporados dentro de um arco que possibilitasse expressar casos típicos dentro dos quais as variáveis levantadas para a pesquisa pudessem oscilar e o permanente diálogo com as colegas da área que devidamente esclarecidas consentiram responder às perguntas que lhes foram formuladas.

E a partir das três variáveis escolhidas, a saber: o Projeto Ético Profissional e os Projetos Societários¹ foram selecionados os casos atípicos de assistentes sociais que incorporaram as matrizes teóricas e metodológicas marcantes do rompimento com o conservadorismo profissional relacionado-as a projetos societários que ultrapassam o marco do projeto ético profissional.

E, os casos mais comuns dos assistentes sociais que pautaram a relação com os usuários dos seus serviços, tendo por base os valores que legitimam socialmente o trabalho do assistente social a partir dos objetivos e funções postos no Código de Ética. Mediante essas duas situações pode-se levantar as motivações para ambos os casos e conhecer as pautas de um e outro.

A terceira variável quer demonstrar a participação do assistente social no processo

de produtividade do trabalho, relacionando a menor e/ou maior absorção de profissionais da área do serviço social nos períodos das crises cíclicas do capitalismo e nos períodos de maior produtividade do trabalho.

2 O TEMA

As transformações ocorridas nos espaços amazônicos a partir da expansão do capitalismo² não são recentes e ganham visibilidade com a passagem do capitalismo oligárquico com bases extrativistas para o capitalismo urbano industrial em 1967, com a implantação e, ao longo de um decênio, a implementação do projeto Zona Franca de Manaus.

Enquanto capital do maior estado da federação brasileira, com uma área de 14.337 Km², a cidade de Manaus pelos elementos demográficos e político-administrativos abarcou uma gama de serviços, tornando-se a capital da região norte.

Com uma população de aproximadamente dois milhões de habitantes entre a área urbana e rural, a cidade de Manaus cresceu geograficamente e em seus problemas sociais típicos da urbanidade acelerada, que não respeita a relação homem-natureza. A cidade sofreu as metamorfoses impostas pelo capital que se expressam no surgimento de favelas, expansão da periferia e na deformação do seu formato arquitetônico³.

Apesar da pobreza em Manaus⁴ não ser exclusiva do período da Zona Franca⁵, esse fenômeno aumentou e ganhou visibilidade, revelando-se de forma multifacetada, enquanto parte relação da capital/trabalho que empurrou para dentro desse movimento vários setores da sociedade manauara, que passaram a se organizar e reivindicar os seus direitos e respostas qualificadas por parte do Estado no trato da questão posta.

A pobreza na Manaus de ontem, sede do comércio extrativista, e na Manaus de hoje, sede da Zona Franca, compõe o espaço contraditório do desenvolvimento urbano – industrial/pobreza e movimentos sociais. Na Manaus de ontem, esse artigo aponta a necessidade de criação da Escola de Serviço Social, em 1941, sinalizando a preocupação do Estado em responder com ações qualificadas às demandas sociais da época.

A Manaus de hoje, que é fruto do processo que atravessa os anos 60, 70 e 80 do século XX, décadas marcadas pelo desenvolvimentismo e lutas sociais, exigiu efetivas mudanças em sua infraestrutura e superestrutura, e dentro destas, encontra-se a Universidade do Amazonas que incorporou nesse momento histórico a Escola de Serviço Social, enquanto um movimento que se

desenrola em diversos movimentos e diferentes conjunturas.

Todo esse processo solicitou novas formas no agir profissional, que por sua vez demandaram por revisões curriculares, especializações em nível lato e stricto-sensu. Informa-se que existe uma literatura local do Serviço Social que poderá servir de fonte aos interessados, que é abundante de interpretações da formação e da prática profissional, sobretudo de trabalhos realizados entre as décadas citadas⁶.

O plano conjuntural do final dos anos 70 do século passado, ainda sob o domínio do regime militar, é marcado por insatisfações sociais crescentes, por uma política favorável à organização de movimentos sociais, e pela ascensão das camadas subalternizadas populacionais no cenário político brasileiro, no enfrentamento político-social para derrotar as estratégias do regime militar. Uma conjuntura que marca a formação do assistente social e o trabalho desses profissionais em Manaus, na década de 80 do século passado.

Vale ressaltar, que não se analisará o trabalho profissional do assistente social sem o reconhecimento de que o movimento que marca a formação do profissional de serviço social é passível de dois eixos de interpretações: o primeiro é aquele que rompe com a estrutura de pensamento vigente, tendo como perspectiva viabilizar um projeto político-pedagógico capaz de possibilitar a formação profissional para a transformação da sociedade, e no qual, muitos assistentes sociais de Manaus uniram-se às colegas do Brasil, com inserção ativa na Associação Nacional dos Assistentes Sociais - ANAS e, localmente, no Sindicato dos Assistentes Sociais - SASEAM.

O segundo, permite afirmar que a proposta de mudança curricular consistiu num movimento contra o conservadorismo ou tradicionalismo. Carecem os assistentes sociais de Manaus, neste âmbito, de pesquisas históricas que revelem a *memória* da profissão, no que tange a esta afirmação.

Evidenciam-se, em Manaus, os movimentos sociais com expressão política para os trabalhadores das indústrias do pólo eletro-eletrônico e metalúrgico em 1985. Foi um momento histórico, posto que pela primeira vez no mundo, trabalhadores de uma zona franca deflagravam greve por melhores condições de trabalho e salário.

Concomitante a esse movimento, eclodiram outras manifestações de cunho reivindicatório, pela readmissão dos grevistas e contra o desemprego, luta pela moradia e pelo solo urbano, por um plano diretor efetivo para a cidade, que considere o fato de Manaus ser uma cidade da floresta, por políticas públicas na área da saúde educação, movimento

pelas “diretas já”, movimento pela defesa da Amazônia e dos povos da floresta, a constituinte e, posteriormente, a Constituição de 1988.

Vê-se, portanto, que a chamada Nova República é concretizada em todo o Brasil por um emaranhado de lutas acadêmicas, sociais, sindicais e políticas, no processo intenso de globalização, fazendo revelar ao mundo toda a diversidade étnico-racial e cultural brasileira. Pela obediência ao Banco Mundial, que a partir do Encontro realizado em Washington, nos últimos anos da década de 80, reunindo os países mais ricos, denominado Consenso de Washington, que estabeleceu um conjunto de normas e metas a serem cumpridas pelos países do chamado terceiro mundo.

Em face à profunda e prolongada crise econômico-político-social que o país vivenciava, o conjunto de movimentos, citados acima, “puxou” alguns dos assistentes sociais que ansiavam por um novo projeto político-pedagógico e o relacionava com projetos societários. Esses profissionais, numa longa e profunda caminhada, se tornaram referência, organizadores e até mesmo porta-vozes dos movimentos da época.

Todos esses elementos compõem o quadro das chamadas transformações contemporâneas que incidiram no trabalho na região amazônica, em especial, no trabalho profissional do assistente social, que passa a ser problematizado a seguir.

3 O PROBLEMA

Constata-se que, passado todo esse movimento conjuntural, houve avanços na superação de modelos tradicionais de prática pedagógica, dentro do curso de Serviço Social da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, avanços que se mostram em descompasso com o retraimento ocorrido nas relações sociais de produção do então denominado Parque Industrial de Manaus - PIM.⁷, mas como um reflexo da intensificação da globalização⁸ e demais fatores citados anteriormente e justificados pela teoria que se convencionou chamar de neoliberalismo.

Sobre a intensificação da globalização vivida no período dos anos 90 do século passado, esta não foi mais intensa para o Estado do Amazonas, que a vivenciada no final do século XIX e nos três primeiros anos do século XX, período em que as relações estavam longe de ser completamente mercantis.

A região norte sofria, devido à crise dos países centrais que acelerou a destruição de produções anteriores, num movimento que empurrou essa região para a necessária adaptação em produzir mercadorias de interesse para os países centrais, a saber: França e Inglaterra, num processo que se estende do Maranhão ao Acre.

Ao se analisar a forma violenta de penetração dessas relações mercantis e/ou capitalistas é que se constata as causas do subdesenvolvimento industrial/tecnológico que perdura na região. Portanto, as transformações contemporâneas que incidem no trabalho profissional do assistente social, a partir da metade dos anos 90 do século passado, são frutos de todo um processo marcado pela violência das penetrações sucessivas do capitalismo na Amazônia.

Uma coisa que se pode afirmar neste artigo é que, naquele momento, a economia mercantil na Amazônia era mais aberta ao exterior, precipitando as transformações das relações sociais ocorridas nas partes não-mercantis da economia. Esse aspecto da globalização da época merece ser considerado neste trabalho.

De acordo com os especialistas das ciências econômicas⁹, isto é um fator que incide nas desigualdades regionais e que é crescente, tanto em termos de distribuição de renda entre os trabalhadores qualificados, quanto entre os que não o são. Essas desigualdades são aprofundadas justamente nesse período cronológico, ocasionadas pelo avanço do liberalismo que se cristalizou no neoliberalismo econômico.

Com a substituição do modelo extrativista pelo modelo industrial de zona franca, as relações do Estado do Amazonas continuaram estabelecidas com o exterior, posto que essa relação encontra-se na base no aludido modelo e a zona franca de Manaus, agora ¹⁰parque industrial de Manaus. A pesquisa bibliográfica e documental aponta que na crise da metade dos anos de 1980 e início dos anos 90 do século passado, o Amazonas, por manter uma relação mais direta com o exterior, foi o estado que mais sofreu com a recessão. Também foi o estado que logo se recuperou e apresentou uma alta produtividade do trabalho após os anos de recessão brasileira, conforme a figura abaixo:

Verifica-se na figura 1, o incremento da produtividade do trabalho na indústria de transformação amazonense de 1992 a 2004. Em termos de taxa média de crescimento anual, significa que a produtividade cresceu 13,9% ao ano. É a maior taxa registrada para tal período, dentre os Estados para os quais existiam dados para o cálculo.

Bem como num processo relacional, verificou-se que esse momento não significou riqueza para a população, muito menos a “oferta” de mais políticas públicas, ao contrário, a população manauara é empurrada progressivamente para um quadro de pobreza, como se mostrará ao longo deste trabalho.

Sobre a leitura dos dados constantes na figura acima, Vieira Sá (2006) aponta que esse sucesso tem dois fatores: no caso do Amazonas, segundo o autor, estes números exigem cautela,

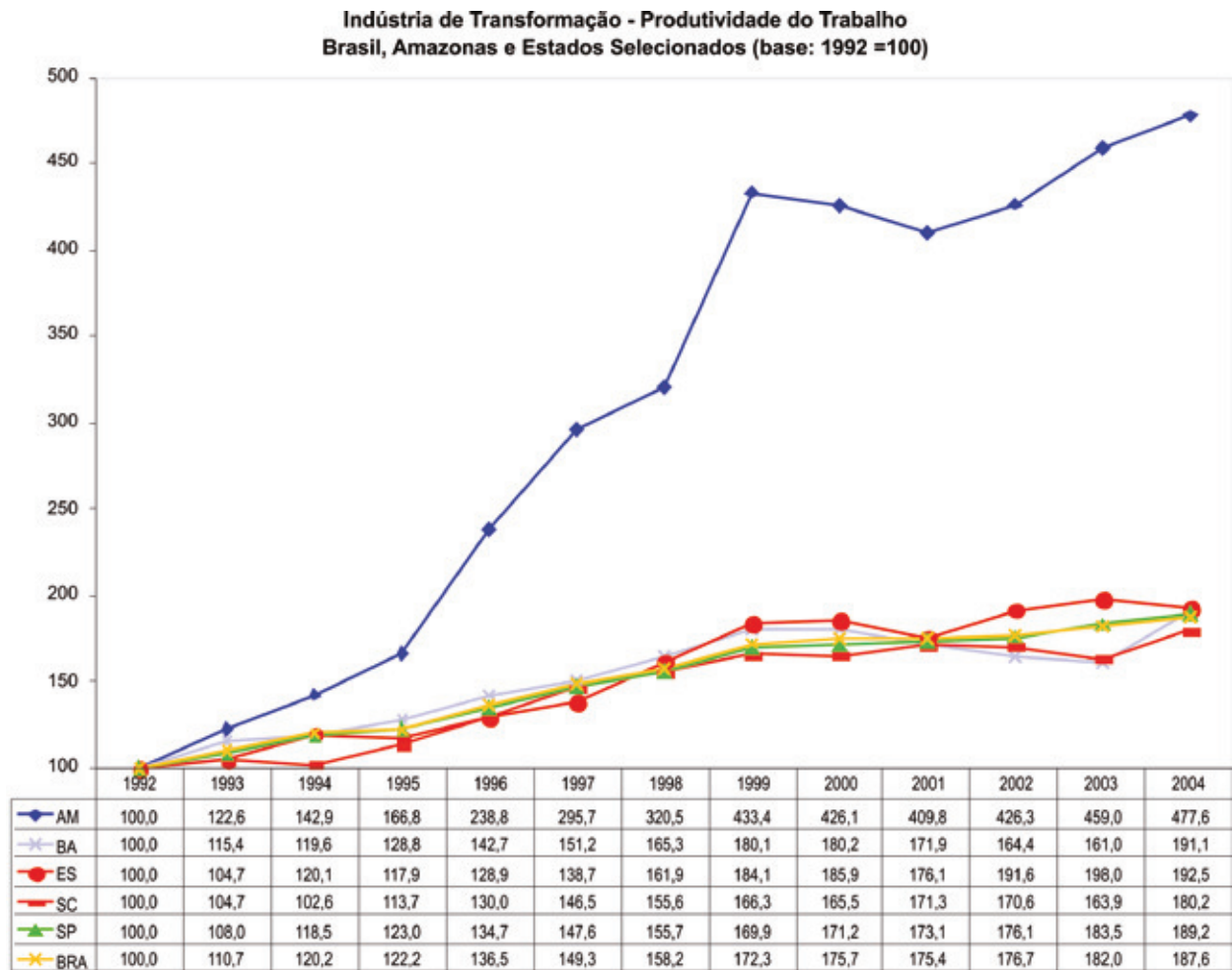


Figura 1 - Indústria de Transformação – Produtividade do Trabalho – Brasil, Amazonas e Estados Seleccionados (base: 1992 = 100)

Fonte: Elaboração de Vieira Sá a partir de IBGE/Contas Regionais e CNI/Indicadores Industriais CNI.

Nota: Para saber para quais os Estados há dados de horas trabalhadas na produção da CNI, ver figura 2.

a iniciar pelo ano-base, que pode revelar um viés na comparação, e isso tende a se verificar, pois se 1992 foi um ano muito ruim para o país, de recessão, foi ainda pior para o Estado de maior extensão territorial do Brasil e pelo modelo produtivo Zona Franca.

Ainda nesse ano-base, Vieira Sá afirma que se pode supor uma melhor evolução da produtividade amazonense, principalmente, em virtude do incremento do VAB¹¹. Outro ponto analisado por este estudioso do modelo zona franca é que a produtividade cresceu por causa de processos de enxugamento, por vezes característicos de estratégias ou respostas empresariais defensivas, culminando em redução nas horas trabalhadas do setor, situação na qual o aumento de produtividade vem acompanhado de demissões, e aqui se comprova o delineamento da pobreza na cidade de Manaus, dentro do marco do desenvolvimento urbano-industrial.

E em derradeiro caso, as oscilações na produtividade do trabalho, tal como aqui medida, que trazem consigo “ruídos”, como a utilização

da capacidade instalada (UCI) que varia ao longo do tempo. As oscilações da produtividade do trabalho terminam por captar não apenas incremento da produtividade do trabalho, mas também a ampliação no uso de base instalada até então ociosa. Isto é um efeito das sucessivas reestruturações produtivas dentro do modelo zona franca que, conforme informado em nota deste trabalho, traz em si a reestruturação produtiva e apresenta sucessivamente, de forma acelerada, outras transformações dentro do seu modelo inicial.

O trabalho do assistente social não fica imune. As observações sistemáticas e a pesquisa documental revelam que, nesse mesmo período, a ocorrência de demissões e o retraimento na contratação de novos profissionais por empresas do PIM, ato típico por parte das empresas que solicitavam deste profissional, que dentro da divisão sociotécnica do trabalho pertencem, como chamou Marx de falsos custos, um papel mais participativo no âmbito da produtividade do trabalho, evidenciando que esses profissionais são absolutamente vitais para a sobrevivência

do sistema capitalista¹², desde que desempenhe o papel atribuído pelo capital.

Essa constatação motiva algumas problematizações postas neste trabalho: Qual o sentido do trabalho do assistente social nas empresas do PIM com as sucessivas transformações ocorridas? Como é trabalhada a relação Homem-Natureza, no contexto ambiental das empresas do PIM? O Projeto profissional, que se inscreve nos projetos coletivos das profissões reguladas juridicamente, revela-se nas práticas profissionais dos assistentes sociais do PIM? Esses assistentes sociais possuem projetos societários e conseguem estabelecer relações com o projeto profissional?

Neste artigo não se pretende pelo tempo, e ainda, pelas informações iniciais, responder a todas as perguntas. Porém, os primeiros dados da pesquisa que formam a base para este artigo evidenciam que o trabalho profissional do assistente social no PIM apresenta novas dimensões, que os profissionais não são idênticos aos profissionais dos anos 70 e 80 do século passado e que as condições de trabalho tornaram-se mais precárias.

E ainda, os primeiros dados indicam que, embora esses profissionais ainda sejam considerados improdutivos dentro do sistema produtivo capitalista, eles estão mais orgânicos em relação ao mundo do trabalhador produtivo, o que pode ser um viés da caminhada histórica da categoria, numa manifestação local, da organização nacional, combinado à formação acadêmica e ao projeto ético profissional.

A constatação de que esses profissionais são mais explorados, encontra-se, sobretudo, na fragmentação do trabalho profissional e no desenho das novas dimensões, traçadas pelo capital e que são expressas na atuação deste profissional em diversos setores ou departamentos das empresas, (circulando esses da área de recursos humanos, - absorvendo parte desse trabalho quando respondem pelo processo de seleção e admissão dos trabalhadores em geral, em capacitações que envolvem trabalhadores da produção direta e indireta, e ainda, na administração dos “benefícios” previdenciários e outros de responsabilidade do poder público e operacionalizados pela empresa para os seus trabalhadores, demonstrando a complexidade do trabalho que é desenvolvido pelo assistente social nas empresas do PIM.

Essa complexidade, que é fruto das transformações ocorridas no mundo do trabalho, a partir da metade dos anos 90 do século passado, reflete-se na abrangência do trabalho do assistente social, enquanto parte da permanente reestruturação produtiva dentro do PIM.

O assistente social na empresa passou a abranger novos elementos, o que requer

deste profissional mais agilidade nas respostas dadas aos problemas sociais dos usuários, disponibilidade para transitar por outras áreas de conhecimento, como a ciência da computação, o razoável conhecimento de inglês e/ou espanhol e maior aprofundamento na legislação trabalhista e o acompanhamento das políticas públicas.

Poder-se-ia resumir, que as empresas da zona franca solicitam para seus quadros profissionais mais “versáteis” e portadores do que se convencionou chamar de inteligência competitiva, onde a informação para a produtividade do trabalho tem importância fundamental.

Merece atenção essa versatilidade, porque justamente aí reside uma das incidências das transformações do trabalho sob a ótica do neoliberalismo no trabalho profissional do assistente social, tanto aqueles ligados à área dos recursos humanos, quanto àqueles que atuam em setores ou departamentos específicos na relação com os usuários do serviço social. Profissionais que estão no mesmo patamar na divisão sócio técnica do trabalho com o staff que compõe a diretoria local, nacional e internacional, e, ainda, que esses profissionais nas empresas do PIM mantêm relações em nome da empresa, que extrapolam o âmbito do local de trabalho.

Revelam as observações sistemáticas que, a autoimagem profissional e os valores que legitimam socialmente a profissão, são resguardados pelas assistentes sociais do PIM. E que apesar da imagem deste profissional ainda remontar aos anos 70 e 80 do século passado, as diferenças entre esses e aqueles são visíveis, como posto anteriormente. A exemplo da afirmação de José Paulo Netto (1999, p. 4), acerca dos projetos profissionais que são estruturas dinâmicas, esses profissionais respondem às alterações no sistema de necessidades sociais sobre o qual a profissão opera, às transformações históricas, econômicas e culturais ao desenvolvimento teórico- prático da própria profissão.

Essa afirmativa decorre das observações em torno dos trabalhos de sensibilização, realizado pela maioria das assistentes sociais, voltados para a divisão da responsabilidade social e ambiental com a empresa. Esse trabalho que inicia na empresa estende-se até a comunidade externa, onde esses profissionais acompanham a vida comunitária dos usuários, buscando o prolongamento das responsabilidades citadas anteriormente.

As evidências possibilitam afirmar, que tanto os usuários quanto as assistentes sociais das empresas, atualmente, participam e sentem-se corresponsáveis na responsabilidade social e ambiental. Embora não sejam eles os motivadores diretos pela poluição e/ou degradação ambiental da cidade de Manaus,

nem tampouco usufruam dos lucros ou retornos fiscais das campanhas desenvolvidas que aludem sobre os casos citados anteriormente, ficam devendo a reflexão.

Registra-se que esses profissionais sentem-se como trabalhadores partícipes do conjunto dos trabalhadores produtivos. Sob a ótica da posição do assalariamento, demonstram mudanças e constatou-se na composição social do corpo profissional uma visível diferença de desvantagem em relação aos profissionais das empresas da zona franca dos anos 70 e 80 do século XX, bem como, que os projetos profissionais se modificam e se renovam.

Ficou evidenciado que esses processos se dão em empresas de produção mais sofisticada ou nos setores de ponta do processo produtivo do PIM, não sendo permitida a generalização, pois o foco de análise é o setor de transformação por apresentar um maior desenvolvimento produtivo, como se verificou na literatura consultada.

Como parte integrante e importante da pesquisa e importante para todos o conhecimento dos dados que são disponibilizados pelos setores oficiais para que se possa inferir de forma acadêmica que as transformações ocorridas no mundo do trabalho aqui analisado exigiram novas dimensões no trabalho profissional do assistente social.

profissionais nas empresas, e a contratação de novas assistentes. Tal afirmativa tem por base a relação entre a organização dos assistentes sociais, e os momentos de rupturas como foi a metade dos anos de 80 do século passado, onde constatou-se um *turn-over* desses profissionais nas empresas da zona franca, como nos períodos de incremento da produção.

Os dados apontam para a estabilidade e até aumento do mercado de trabalho na zona franca para os assistentes sociais, que se destacam cada vez mais pela participação no trabalho produtivo no PIM. Então, tomando-se outras bases de comparação com o ano derradeiro da série, 2004, a literatura aponta que a indústria de transformação amazonense experimentou incremento de produtividade expressivo. Para 1992-2004 e 1996-2004, a taxa de expansão ao ano atingiu a casa dos dois dígitos: 13,9% e 12,4%, respectivamente.

Para ambos os períodos, o diferencial no aumento da produtividade em favor do Amazonas é relevante. O Estado com o segundo melhor desempenho em termos dessa variável foi o Espírito Santo, chegando a uma taxa de 5,6% a.a. nos dois intervalos, menos da metade do desempenho amazonense.

No período de 2000-2004 e 2003-2004, a variação da produtividade do trabalho na

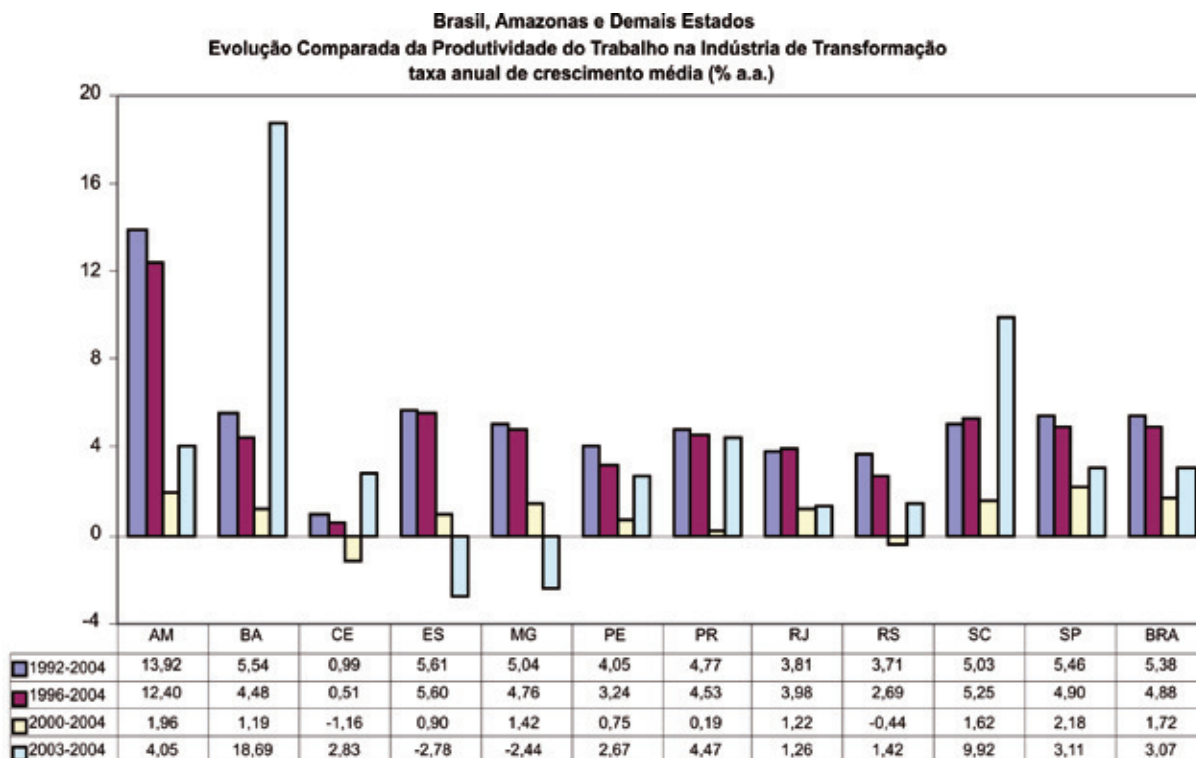


Figura 2. Brasil, Amazonas e Demais Estados – Evolução comparada da Produtividade do Trabalho na Indústria de Transformação: taxa anual de crescimento média (% a.a.)

Fonte: Elaboração própria a partir de IBGE/Contas Regionais e CNI/Indicadores Industriais CNI.

Os primeiros dados coletados também indicam que a alta e a baixa na produtividade no PIM são fatores que servem para regular o aumento de

indústria de transformação do Amazonas (2,0% e 4,0%, respectivamente) foi suplantada pela de outros Estados, a saber: São Paulo (2,2%)

em 2000-2004; Bahia (18,7%), Paraná (4,5%) e Santa Catarina (9,9%) em 2003-2004.

Sobre essas últimas informações, os economistas asseveraram os cuidados necessários ao se lidar com comparações, envolvendo séries temporais, mas também ratificam a expressividade do incremento da produtividade no setor em questão, no Amazonas.

Elaboração de Vieira Sá a partir de IBGE/Contas Regionais e CNI/Indicadores Industriais CNI.

Sobre o segundo, é interessante avaliar melhor a evolução da produtividade do trabalho no setor do Estado, a partir de uma análise ano a ano, agrupando os aspectos que conformam subperíodos, dentro do intervalo 1992-2004. Assim, identificam-se quatro subintervalos: de 1992 a 1995; de 1995 a 1999; 1999 a 2001; 2001 em diante.

O primeiro traz a recuperação após a recessão brasileira de 1991-1992 e as mudanças estruturais que afetaram sobremaneira o Pólo Industrial de Manaus (PIM), com VAB, HT e a produtividade do trabalho (VAB/HT) na indústria

Na passagem de 1999 a 2000, essa queda na produtividade decorreu de uma recomposição das horas trabalhadas que foram sustadas de modo exagerado em 1999, enquanto, em 2000-2001, o Brasil sentiu os efeitos das sucessivas quedas de energia ou do “apagão”, como ficou denominada a ausência rápida, porém intensa na ausência de energia elétrica no país, desequilibrando as expectativas otimistas formadas em 2000.

Entre os anos de 2002-2004, o PIM apresentou movimentação positiva sob a ótica dos analistas, no qual podem ser inseridos fatores como incremento das exportações e, em 2004, o início da fase de reposição da base instalada de eletrodomésticos, cujo consumo explodira em 1994-1997, por conta do ciclo de vida útil desses equipamentos.

Logo, de 1992 a 2004, não foram muitas as passagens de um ano para outro, nas quais a produtividade aumentou com retração nas horas trabalhadas ou que tenha caído.

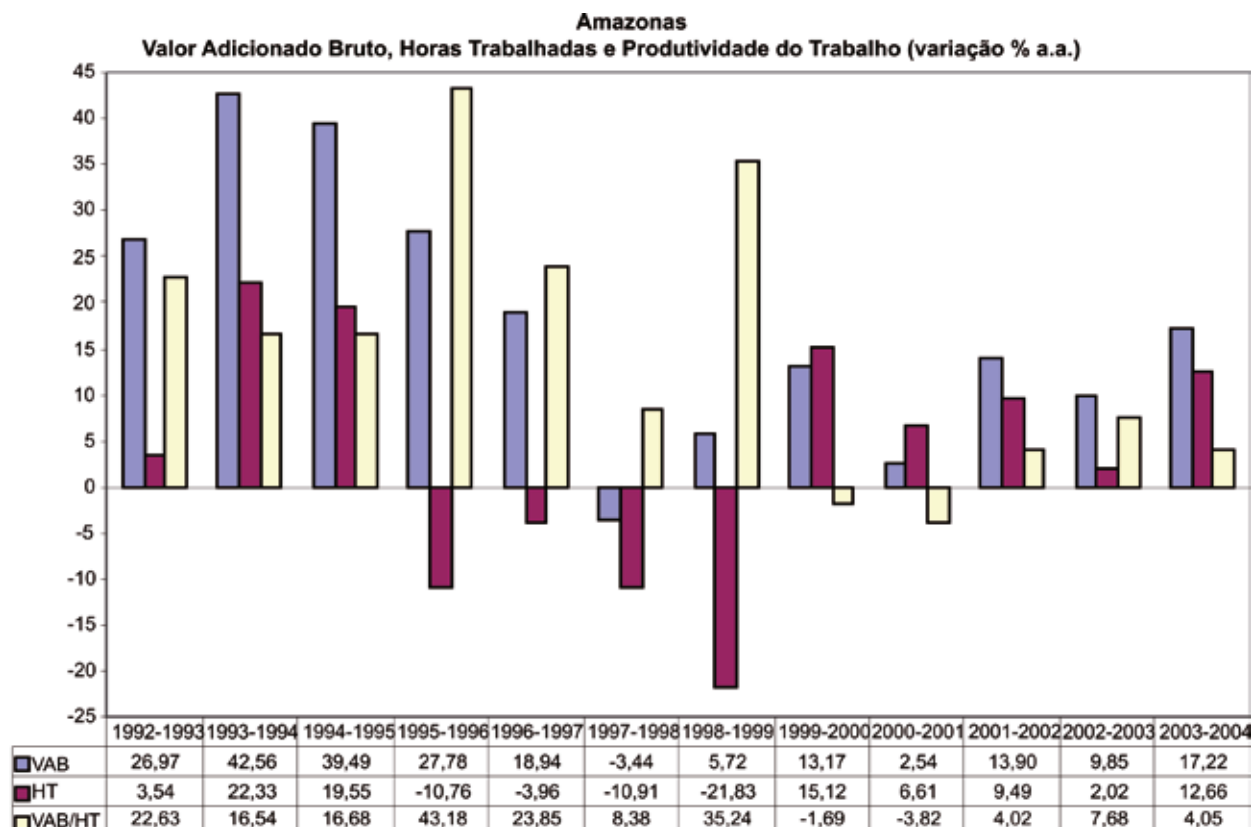


Figura 3: Amazonas – Valor Adicionado Bruto, Horas Trabalhadas e Produtividade do Trabalho (variação % a.a.)

Fonte: Elaboração Vieira Sá a partir de IBGE/Contas Regionais e CNI/Indicadores Industriais CNI.

de transformação em franca ascensão. A tônica do subperíodo seguinte foi a expansão da produtividade, mas com queda no nível de horas trabalhadas na produção; isto, mesmo na passagem de 1995 para 1996, ano no qual a produção de aparelhos de TV, um dos históricos carros-chefe da Zona Franca de Manaus, atingiu o auge na década de 1990. De 1999 a 2001, houve queda na produtividade.

Quanto ao terceiro ponto, é importante lembrar que em termos da conjuntura econômica recessiva vivida pelo País, impactou sobremaneira o Amazonas, posto que 1992 foi o ano derradeiro do recessivo biênio de 1991-1992. Mais grave ainda para o Pólo Industrial de Manaus foram as mudanças por conta da Política Industrial e de Comércio Exterior - PICE, na qual a abertura comercial expôs o mercado

doméstico à concorrência com os congêneres importados.

Toda essa exposição serve para afirmar que o trabalho do assistente social inclui-

da Lei de Kaldor-Verdoorn para o Pólo Industrial de Manaus a partir de indicadores divulgados pela SUFRAMA.

Tabela 1 - Valor Adicionado Bruto e Produtividade do Trabalho: Taxa de Crescimento Anual Média - 1992-2004 (% aa)

Estados	VAB	VAB/HT
AM	17,1	13,9
PR	5,0	4,8
GO	4,4	3,1
ES	4,3	5,6
BA	4,3	5,5
SC	4,1	5,0
RS	3,8	3,7
MG	3,4	5,0
SP	2,9	5,5
CE	2,7	1,0
PE	1,5	1,5
RJ	-0,6	3,8
BRASIL	3,6	5,4

Fonte: Elaboração própria a partir de IBGE/Contas Regionais e CNI/Indicadores Industriais CNI.

se no conjunto do trabalho produtivo e que ajuda diretamente na expansão da produção, sendo portanto, a dimensão mais importante no processo de transformação do mundo do trabalho. Para melhor compreensão, mostra-se na sequência o que possibilita a afirmação acima:

4 UM APARTE

Lei de Kaldor-Verdoorn e os Números da Indústria de Transformação Amazonense

Ressalte-se que a dinâmica da indústria de transformação do Amazonas, suficientemente atrelada ao PIM, expressa que por estar vinculada à Lei de Kaldor-Verdoorn a produtividade do trabalho é a variável dependente em relação à produção. Tal relação causal decorre da existência de retornos crescentes à medida que a produção aumenta, i.e., de economias de escala (Souza, 1999, p. 331-332 apud Vieira Sá op.cit). Assim, forte expansão na produção tende a incrementar a produtividade do trabalho.

Nessa direção, se por um lado o aumento da produtividade do trabalho amazonense impressiona, a evolução de seu valor adicionado bruto foi ainda mais vigorosa, alcançando 17,1% ao ano. Em 1985, como referência, o Brasil logrou incremento de 3,6% a.a., enquanto sua razão VAB/HT, 5,4% a.a. Dentre os Estados para os quais se obteve dados, apenas o Rio de Janeiro apresentou queda no VAB com aumento na produtividade (VAB/HT).

Esses resultados se alinham com as conclusões da pesquisa de Silva apud Vieira Sá (2006). O mesmo detectou também a vigência

5 CONCLUSÃO

Todos esses elementos aqui analisados demonstram que, as transformações ocorridas no mundo do trabalho na Amazônia, no caso aqui posto, na Zona Franca de Manaus, também denominado de Parque Industrial de Manaus-PIM evidenciam a retomada de altos níveis de exploração do trabalho, a intensificação do ritmo do tempo e ritmo de trabalho e do trabalho da assistente social que se encontra incluso no trabalho produtivo numa combinação de fatores, revelando que, apesar da situação positiva na receita, esse modelo não tem propiciando a riqueza para a maioria ou aplicado na criação de políticas públicas para a região, onde constatou-se o agravamento das desigualdades em níveis salariais e aumento no número de pobres no Estado.

Em Manaus, atribui-se ao PIM, uma gama de danos ambientais, como a poluição dos igarapés, aumento do lixo industrial e doméstico e a concentração da riqueza nas mãos de pouquíssimos amazonenses, fator que contribui decisivamente para o aumento das desigualdades que se tornaram visíveis na cidade de Manaus com o passar dos anos de existência do PIM.

Não obstante, esse polêmico projeto de desenvolvimento econômico, idealizado por um Deputado amazonense para o Estado do Amazonas, passou a ser considerado por muitos ambientalistas como uma referência de sustentabilidade da floresta amazônica, posto que no Brasil e na região norte, esta floresta encontra-se majoritariamente em sua longa extensão, "em pé".

Nessa conjuntura, encontra-se o trabalho profissional do assistente social, apresentando novas dimensões, compondo o universo feminino das trabalhadoras do PIM, que corresponde a uma tendência mundial; e apesar de terem seus trabalhos mais precarizados, as assistentes sociais ganharam espaço e aprofundaram as suas relações com e no processo de produtividade do trabalho, como foi mostrado.

Essa relação é revelada nas atividades que dão concretude às transformações ocorridas no trabalho, a partir da metade dos anos 90 do século XX, e que se prolonga até a crise atual. E, como o trabalho do conjunto dos trabalhadores que tiveram seus postos de trabalho reduzidos sem causar danos nos lucros da empresa, observou-se a redução no número de profissionais nesse espaço industrial..

Como se mostrou através das figuras, a jornada de trabalho desses trabalhadores também sofreu os impactos das transformações do meado dos anos 90 do século XX, sob a influência do neoliberalismo até o primeiro decênio do século XXI, com a intensificação do tempo e do ritmo de trabalho, onde a jornada pode até reduzir-se, enquanto o ritmo se intensifica, e as demissões são “estratégias” das crises cíclicas e intermitentes do capitalismo.

E, enquanto trabalhadores, os assistentes sociais que participam dessa dinâmica e que detêm o poder de controle e gestão no processo de valorização do capital no interior da empresa, e em muitos casos, para além dessas, são melhores remunerados que os assistentes dos outros setores, como os assistentes sociais que trabalham nas instituições municipais e estaduais, e em muitos casos, do setor de serviços e do poder público de modo geral.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo C. Os novos proletários na virada do século. **Revista Lutas Sociais**, n. 6, Programa de Estudos Pós Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP, 1999.

_____. **Os sentidos do Trabalho**. São Paulo: Boitempo, 1999

CARDOSO, Fernando Henrique, MULLER, G. **Amazônia: expansão do capitalismo**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1978.

CORRÊA DA SILVA, Heloísa Helena. **Manaus: Espaço da beleza arquitetônica e dos Movimentos Sociais**. Manaus, 2004. Edição Especial dos 100 anos do Jornal do Comércio.

COSTA, Simone Eneida (Baçal) de Oliveira. **A prática profissional do Assistente Social em Manaus**. Manaus: Edua, 1999.

_____. **Conhecimento e prática profissional: limites e perspectivas do fazer do assistente social em Manaus**. 2002. Tese (Doutorado) - PUC, São Paulo, 2002.

CNI. **Indicadores Industriais CNI: Metodologia**. Rio de Janeiro: CNI, s/d.

_____. **Reformulação do sistema de geração de indicadores industriais – SINDI: documento de metodologia**. Rio de Janeiro: CNI, 2006.

IAMAMOTO, Marilda. **Serviço Social em tempo de capital fetiche**. São Paulo: Cortez, 2007.

IANNI, Octávio. **A sociedade global**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1993.

IBGE. **Contas regionais do Brasil – 2004**. Rio de Janeiro: IBGE, 2006. (Contas Nacionais n. 17).

NETTO, José Paulo. **Módulo I da Capacitação em Serviço Social e Política Social**. Brasília: CEFSS, ABEPSS, CEAD, UnB, 1999.

SALAMA, Pierre. Globalização, desigualdades territoriais e salariais. In: **Pobreza e Exploração do Trabalho na América Latina**. São Paulo: Boitempo, 1999/2002.

SCHERER, Elenise Faria. **Assistência aos (des)assistidos Manauaras**. 1989. Dissertação (Mestrado). PUC, São Paulo: 1989

SILVA, Márcia Peráles Mendes Silva **Da formação acadêmica ao exercício profissional: a construção discursiva do Assistente Social**. 1995. Dissertação (Mestrado). PUC, São Paulo, 1995:

SILVA, Renilson Rodrigues da. **O Pólo Industrial de Manaus como modelo de desenvolvimento econômico avaliado sob o enfoque da lei de Kaldor-Verdoorn**. 2006. 123p. Dissertação (Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento). UFPA, Belém, 2006.

VALLINA, Kátia de Araújo Lima et al. **O Assistente Social e as Mudanças no Mundo do Trabalho**. Manaus: Edua. Valer CNP, 2004.

VIEIRA SÁ, Mauro Thury. **O Desempenho da Indústria de Transformação Amazonense: a produtividade do Trabalho sob a Influência do Pólo Industrial de Manaus**. São Paulo: UNICAMP, 2006.

NOTAS

- Esses termos são tomados do Texto de José Paulo Netto IN Módulo I da Capacitação em Serviço Social e Política Social, CEFSS, ABEPSS, CEAD, UnB. Brasília. 1999.

2. Ver: CARDOSO, Fernando Henrique et MULLER, G – Amazônia: expansão do capitalismo 2ª edição. Brasiliense. São Paulo. 1978
3. Ver CORRÊA DA SILVA, Heloísa Helena – Manaus: Espaço da beleza arquitetônica e dos Movimentos Sociais IN Edição Especial dos 100 anos do Jornal do Comércio. Manaus. Outubro de 2004
4. Ver SCHERER, Elenise Faria Dissertação de Mestrado Assistência aos (des)assistidos Manauaras. PUC- São Paulo. SP. 1989.
5. Criada em 28 de fevereiro de 1967, pelo Decreto Lei no 288/67, é concebida como uma área de livre comércio de importações e exportações e de incentivos fiscais especiais. Apresenta-se no âmbito da produção como uma das formas de reestruturação produtiva e sua primeira fase que corresponde à adoção dos Centros de Controle de Qualidades – CCQ e Comissões de Fábricas, será também após dez anos a primeira fase da reestruturação produtiva no eixo industrial brasileiro, em especial no ABC paulista.
6. Ver: SILVA, Márcia Peráles Mendes Silva Da formação acadêmica ao exercício profissional: A construção discursiva do Assistente Social. Dissertação de Mestrado. PUC-SP. São Paulo. 1995. COSTA, Simone Eneida (Baçal) de Oliveira – A prática profissional do Assistente Social em Manaus. Edua. Manaus. 1999 e Conhecimento e Prática profissional: limites e perspectivas do fazer do assistente social em Manaus – Tese de Doutorado. PUC-SP. São Paulo. 2002 e VALLINA, Kátia de Araújo Lima et alli. Sobre o trabalho do Assistente Social em Manaus. Edua. 2004
7. Como forma de diminuir o estigma sobre o nome zona franca mudou-se sua denominação para Parque Industrial de Manaus – PIM termo que será usado alternadamente com zona franca.
8. Sobre o assunto Ver IANNI, Octávio – A sociedade global. Civilização Brasileira. 1993 e SALAMA, Pierre Globalização, desigualdades territoriais e salariais In Pobreza e Exploração do Trabalho na América Latina. Boitempo. São Paulo. 1999/2002
9. Idem Salama, Pierre, op.cit. pág.18 a
10. VIEIRA SÁ, Mauro Thury – em seu trabalho O Desempenho da Indústria de Transformação Amazonense: A Produtividade do Trabalho sob a Influência do Pólo Industrial de Manaus. UNICAMP. São Paulo. 2006
11. Vieira Sá – Op. Cite. Pág. 08 e 09 - Lei de Kaldor-Verdoorn e os Números da Indústria de Transformação Amazonense.
12. Sobre o assunto Ver: Os novos proletários na virada do século – Revista Lutas Sociais 06 do Programa de Estudos Pós Graduated em Ciências Sociais da PUC-SP Antunes, Ricardo C – Os sentidos do Trabalho. Boitempo. São Paulo. 1999

Heloísa Helena Corrêa da Silva

Doutorado em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), Professora Adjunta I da Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

E-mail: hhelena@ufam.edu.br

Universidade Federal do Amazonas – UFAM

Av. General Rodrigo Octávio Jordão Ramos, 3000, Campus Universitário, Coroado I. Manaus - AM